

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

Ilustrações de
EVANDRO LUIZ

debaixo da **INGAZEIRA da Praça**



 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Assistente editorial: KANDY SGARBI SARAIVA

Suplemento de trabalho: MARCIA GARCIA

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Projeto gráfico e diagramação: EDSEL M. GUIMARÃES

Ilustrações: EVANDRO LUIZ

Projeto de capa: TEREZA YAMASHITA

Produtora gráfica: LILIANE CRISTINA GOMES

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinelli, Tânia Alexandre

Debaixo da ingazeira da praça / Tânia Alexandre Martinelli
; ilustrações de Evandro Luiz. — São Paulo : Saraiva, 2005. —
(Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-05087-7

1. Literatura infantojuvenil I. Luiz, Evandro. II. Título.

05-2827

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

12ª tiragem, 2019

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

CEP 05425-902 – Pinheiros – São Paulo-SP

Tel.: 4003-3061

www.coletivo.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810107

CAE: 603357

Todos os direitos reservados.

Para Jocimar, para Carlos Zanóbia,
pelo seu trabalho no CAM – Centro de
Atendimento ao Migrante de Americana,
e para a turma da rua: Emília, Aécio,
Aldo, Paschoal, Carlos, Silvana,
Liliana, Jéssica.

Uma bola que ia virar laranja



Sábado, três horas da tarde. Tudo na maior tranquilidade no bairro. A irmãzinha do Júlio brincava de boneca com mais duas vizinhas na calçada; os filhos pequenos do seu Paulo aprendiam a fazer pipa com a dona Conceição, na varanda da casa dela; eu, o Júlio, o Lucas e o Marcelo jogávamos bola na rua; o Américo tinha acabado de plantar umas mudinhas de onze-horas no jardim dele. O canteiro ainda estava molhado.

— Xiii! E agora?

— Agora você vai lá e pega. Quem manda ter o pé torto?

— Foi você que gritou, Miguel: “manda pra mim! Manda pra mim!”.

— Pra mim, Júlio, não pro canteiro!

— Gente! Sabe o que eu lembrei? Minha mãe falou pra eu voltar cedo. Acho que eu vou embora.

— Não vai embora coisa nenhuma, Marcelo! Nós vamos resolver isso os quatro juntos.

— Por que os quatro? Você não tinha falado pro Júlio ir buscar a bola, Miguel?

— Falei, Lucas.

— Mas eu não vou. Toda vez sou eu!

— E não foi você quem chutou, ora essa!

— Chega! Vamos no dois ou um.

— Ah, não, Miguel! Eu sou muito azarado nesse negócio de dois ou um.

— Dois ou um e tá acabado, Lucas.

Lucas, de cara amarrada: dois.

Marcelo, querendo dar no pé o mais rápido possível: dois.

Júlio, já aceitando que ia mesmo sobrar pra ele: dois.

Eu, num dia em que tinha levantado com o pé esquerdo: um.

— Você vai, Miguel.

Enquanto os meninos esperavam sentados na sarjeta, do outro lado da rua, eu abria, bem devagar, o portãozinho de ferro da casa do Américo.

Olhei para um lado, para o outro... Estava um silêncio ali! Nem sombra dele. A Madalena, a gente sabia, não estava. Tinha saído um pouquinho antes, de sacola na mão, para ir ao mercado. Paramos a bola no momento em que ela atravessou a rua cumprimentando todo mundo. Talvez o Américo estivesse dormindo e nem tivesse prestado atenção ao nosso jogo.

Olhei para o canteiro. Vi várias onze-horas espatifadas, coisa que eu já esperava. Mas o que eu não esperava era não ver outra coisa. Cadê a nossa bola?

Olhei para trás, por cima do pequeno muro, e fiz um sinal para os meninos. Nada de bola. Eles foram se levantando e atravessando a rua.

— A bola não tá aqui, não — eu repeti o que já tinha falado com gestos.

— Mas eu vi cair aqui, Miguel — afirmou Marcelo.

— Eu juro que não quebrei nenhuma vidraça! — o Júlio tratou logo de se defender.

— É claro que não quebrou, senão a gente teria ouvido o barulho — eu disse. — Se o Américo pegou a bola...

— Sem a gente ver, Miguel? — disse Marcelo, franzindo a testa. — Que coisa mais estranha!

— Então, a essa hora, a nossa bola já virou uma laranja! Igualzinho faz o seu Antonio — concluiu Lucas.

— Será? — eu disse, já começando a ficar preocupado com essa possibilidade.

— Ai, meu Deus! Outro seu Antonio na rua, não! — implorou Júlio.

Esse seu Antonio, de quem os meninos falavam, ficava o tempo inteiro de olho nas nossas brincadeiras de rua. Era só a bola cair no quintal dele para transformá-la numa laranja descascada. Pegava seu canivete, cortava a bola todinha e só depois é que devolvia para nós, na maior cara de pau:

— Pode jogar agora.

Na verdade, nessa hora, nós ficamos morrendo de medo de ter aparecido na rua um outro seu Antonio. Poderia até ser, a gente não conhecia direito o Américo! A Madalena, tudo bem, já morava no

bairro desde muito antes de nós nascermos, era amiga de todo mundo. Mas ele, não. Tinha se mudado há pouco, por causa do casamento.

— Acho bom a gente se preparar e fazer uma vaquinha pra comprar uma bola nova.

— Outra vez, Marcelo? Acho que agora o Júlio é quem deve pagar.

— Eu?!

— Claro! Não foi você quem chutou errado?

— Grande amigo você é hein, Lucas!

— Só tô falando o que eu acho certo!

— Querem parar de brigar vocês dois! — interrompi aquela discussão. — Daqui a pouco a Madalena volta e...

— É isso aqui o que vocês estão procurando?

Eu, o Júlio, o Lucas e o Marcelo olhamos para trás. Na porta da sala, todo tranquilo e segurando a nossa bola, estava o Américo. Bom, pelo menos a bola ainda não tinha virado laranja, pensei.

— Dá pro senhor devolver a nossa bola, por favor? — disse tudo muito rápido, antes que me arrependesse. Também, não tinha por que ficar dando voltas. A gente só queria a bola mesmo! Claro que íamos prometer tomar mais cuidado e até pedir desculpas. Era o máximo que a gente poderia fazer.

— Esperem um pouco — o Américo falou.

Nisso, ele entrou com a nossa bola, e ficamos os quatro lá, com cara de bobos, esperando. Esperando o quê exatamente, eu não sabia. Quer dizer, a gente sabia, estávamos esperando a bola. Mas se a bola estava na mão dele, por que é que não jogou logo pra gente?

Demorou uma eternidade, mas voltou. Só que ele não estava com a bola e sim com uma caixinha nas mãos.

O Américo então se aproximou de nós, colocou a caixinha com muito cuidado no chão e disse, muito calmamente:

— Ainda bem que eu não tinha acabado de plantar, senão era bem capaz de aquela bola ter estragado o canteiro todo. Sabem como é, mudinhas são muito delicadas — e se agachou, ficando ajoelhado perto da caixinha, ao mesmo tempo que ia mexendo na terra com uma pazinha.

Começou a cavar, mas logo em seguida parou. Olhou para cima, para nós quatro, que ainda estávamos em pé e sem entender absolutamente nada.

— Vamos! — ele disse. — O que é que vocês estão esperando? Vão abrindo aqueles saquinhos ali e me dando as mudinhas. Ah! Tem muita gente pra fazer isso. Vamos dividir o serviço. Tome — olhou para o Júlio, passando a pá. — Você cava, o loirinho ali — era o Marcelo — abre os saquinhos e vocês dois — eu e o Lucas — vão colocando as onze-horas no buraco. Eu vou cobrindo novamente de terra. Ficou melhor assim?

Muita calma e paciência

Júlio e Lucas eram meus vizinhos, um de cada lado. A casa do Lucas ficava exatamente duas para cima da do Américo. Só o Marcelo é que morava na

rua de baixo. Eles eram meus fiéis companheiros, todos nós com quatorze anos naquela época. Estudávamos na mesma escola, de manhã, e na mesma classe também, a oitava série.

Éramos todos meio parecidos: gostávamos de jogar bola, bolinha de gude, ficar rodando de bicicleta por aí, pular de casa em casa nas brincadeiras de pega-esconde, conversar debaixo da ingazeira da praça... Puxa! Era tanta coisa! O dia parecia muito curto para nós quatro.

Tínhamos também quase a mesma altura e mais ou menos o mesmo corpo. Todos magros, acho que de tanto correr de um lado para o outro o dia inteiro. Só o Marcelo era loiro, bem clarinho, e nós três, morenos.

Nesse dia, depois de plantarmos as onze-horas, o Américo levou a gente para dentro de casa, mandou todo mundo lavar as mãos e nos ofereceu um suco.

Nós aceitamos, já que estávamos morrendo de calor e de sede. Nunca vi tanta mudinha para plantar! E nós achando que o Américo já tinha terminado o canteiro. Sei! Ficamos um tempão lá com ele abrindo saquinho, cavando buraco, enterrando a mudinha e o Américo jogando terra por cima. Puxa!

Mas também ninguém reclamou. Claro, o Américo ainda estava com a nossa bola! Quem ia ser besta?

— Nós fizemos um bom trabalho! — ele disse, todo contente e orgulhoso. Ninguém falou nada. Só ficamos um olhando para a cara do outro com o canto dos olhos.

Nessa altura, já tínhamos terminado de beber todo o suco e não nos restava mais nada a fazer ali. A não ser por uma coisa:

— O senhor poderia devolver a nossa bola, por favor? — arrisquei.

— A bola? Ah, claro! Já nem me lembrava mais. A bola! Onde foi que eu coloquei mesmo?

Eu olhei para o Júlio, que estava com jeito de quem ia acabar falando alguma besteira do tipo: “Esse cara por acaso é maluco?”.

Fiquei torcendo para ele não abrir a boca. Não só ele, como ninguém mais. Ficamos em silêncio esperando o Américo se “lembrar” onde é que tinha guardado a nossa bola. Claro que ele fazia de propósito, mas a gente estava mesmo achando que ele era um velho maluco, isso sim.

— Meninos, não consigo me lembrar, não...

Eu comecei a ficar meio nervoso com aquela história.

— Como, não? — tentei falar com o máximo de calma possível. E então fui procurando lembrá-lo, medindo cada uma das palavras: — O senhor estava com ela lá na varanda, aí entrou, voltou com uma caixinha de mudinhas de onze-horas...

— Que a gente ajudou o senhor a plantar tudinho!

— Fica quieto, Júlio! — dei uma bronca. Eu pensei: “vai que o velho esquece tudo de novo!”. Bom, se é que ele tinha lembrado.

E, voltando-me em seguida para o Américo:

— Então? O senhor deixou a bola onde pegou a caixinha, não foi?

— Ah! — ele deu um grito de repente, estalando os dedos, como quem tivesse feito uma descoberta importante. — Agora eu me lembro!

Ufa! Suspiramos mais aliviados.

— Que bom, seu Américo — eu disse, numa calma e paciência que eu nem sabia de onde é que eu tinha tirado. — Pode pegar pra gente, então?

— Eu deixei junto com as minhas luvas. Era para que quando eu voltasse, encontrasse as duas coisas ao mesmo tempo.

— Luvas? — disse Marcelo. — Mas que luvas?

— As minhas luvas de goleiro, ora essa!

Nós quatro arregalamos os olhos. Que conversa mais sem pé nem cabeça!

Aí, ele disse:

— Ué! Por que o espanto? Achei que vocês estivessem precisando de um goleiro.

— Goleiro? Bom...

O Lucas ia falar qualquer coisa, mas achei melhor nem deixá-lo começar:

— Pode buscar a sua luva, seu Américo — falei. — E a nossa bola também, é claro.

— Só Américo. Se vamos ser do mesmo time, não tem por que me chamar de seu Américo, muito menos de senhor.

O campinho perto da praça

O nosso futebol de rua era assim: a gente só marcava nas extremidades as duas traves com dois

pares de tênis (ou chinelos mesmo) e chutava pro gol (ou para algum quintal ou canteiro de jardim). Éramos atacante, zagueiro, tudo ao mesmo tempo.

Quando queríamos fazer um jogo um pouco mais completo, íamos para o campinho em frente à praça. Era o lugar em que costumávamos marcar uma partida com os meninos do mesmo bairro ou de outros.

A posição de cada um era resolvida na hora. Se eram cinco para um lado e cinco para o outro, ou quinze para um lado e quinze para o outro, isso também víamos na hora. Tudo dependia de quantos meninos apareciam para jogar.

Combinamos com o Américo um joguinho para o sábado seguinte, à tarde. Primeiro fomos para a praça. Lembra o que eu falei sobre a ingazeira? Então. . . A gente adorava subir e, muitas vezes, ficar dependurados nela, de cabeça para baixo, só as pernas enroscadas num dos troncos. Era muito comum, de lá do alto dos seus galhos, combinarmos uma porção de coisas.

O Américo tinha pedido para irmos na frente. Ele ia ajudar a Madalena a arrumar a cozinha e depois ia em seguida.

Fomos. De cima da ingazeira, vimos os outros meninos chegando ao campinho, um a um.

— Sei, não...

— Sei não o quê, Júlio?

O Júlio estava com os olhos lá no outro lado da rua e balançava a cabeça, bem devagar, de um lado para o outro.